

Quem foi em filosofia o primeiro mestre de Nietzsche? Nietzsche e Petőfi*

A.B.**

Resumo: Artigo publicado em 1911, no diário *O Paiz*. O autor assina o texto com as siglas A.B. Tudo indica tratar-se de um correspondente europeu do diário brasileiro. No artigo, ele procura entender a construção do pensamento do filósofo a partir daquele que considera ser seu mestre em filosofia: o poeta húngaro Petőfi.

Palavras-chave: Nietzsche – Peőfi – filosofia

A junção destes dois nomes poderá passar na história da literatura, por uma verdadeira surpresa. A primeira vista, parecerá tratar-se apenas de uma simples comparação. Os críticos gostam muito desse processo. Mas desta vez não se trata de nada disso, visto o celebre poeta húngaro e o não menos celebre filósofo alemão diferirem demasiadamente um do outro para poderem admitir qualquer espécie de paralelo entre si. Não se trata, portanto, senão de mostrar que bem até que ponto Petőfi foi, em matéria filosófica, o primeiro mestre de Nietzsche. Os que sabem que Petőfi não se contentou em ser um grande poeta lírico, o maior poeta da Hungria, para ser também um dos maiores pensadores da literatura

* Artigo publicado no diário *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano 27, N.967, 15, abril, 1911, p. 6.

** Tudo indica tratar-se de um correspondente europeu do jornal *O Paiz*.

universal, não se admirarão muito com a aproximação dos dois nomes. É preciso não esquecer que Petöfi deixou uma coleção de poesias, independentemente do resto de sua obra e que, sob o título geral de “Nuvens”, contém sessenta e seis pequenas poesias, nas quais são abordados quase todos os grandes problemas do pensamento humano. Deixou também poemas de maior fôlego, como o “Louco” e o “Último Homem”, bocados filosóficos no fundo, mas com aparências de rapsódias. Entre os últimos, o mais belo, “A luz”, é de um tão admirável conceito, inspirado com pensamento tão poderoso e tão puro. Que sido já por mais de uma vez considerado como rival do monólogo de Hamlet. Tanto o poeta húngaro como o poeta inglês atingiu os domínios do sublime. E, no entanto, quem sabe por esse mundo além? Quem tem exaltado a beleza das “Nuvens” e da “Luz”? Nada menos que Nietzsche, foi ele quem em primeiro lugar descobriu a grandeza filosófica de Petöfi.

Ora, ainda que a influência do poeta na formação do pensamento de Nietzsche tenha sido palpável, o resto é que foi ignorado durante muito tempo. Entretanto, quem quiser saber como a alma de Nietzsche se elevou as mais altas especulações, não poderá esquecer que o jovem pensador, desde o começo, sofreu a influência do pensamento de Petöfi, antes de Schopenhauer, que é considerado como seu primeiro mestre. Dar-se-ia não por alemães, não valeriam Petöfi no seu justo valor? Pelo contrário. Os alemães sabem que no panteão do pensamento humano ocupa Petöfi um lugar quase igual ao de Goethe e de Shakespeare. Entretanto, não o reconhecem de muito boa mente.

Tinha Nietzsche vinte anos quando lhe chegou às mãos uma tradução das poesias de Petöfi. O filósofo leu o volume com paixão, e daí em diante essa obra jamais o abandonou. Nietzsche levava o livro para toda a parte. E para prova de quanto os versos do poeta húngaro o impressionaram, basta dizer que Nietzsche compôs música para muitas poesias do poeta húngaro. Este argumento deve ser suficiente para destruir todos os que tivessem por fim negar a influência de Petöfi no espírito de Nietzsche. Estudar essa música

e os versos que a tinham inspirado é procurar estabelecer todas as afinidades existentes entre o filósofo e o poeta. Assim, para uma poesia das “Nuvens” compôs ele uma espécie de canto de cisne, de uma alma que se sente morta aos vinte anos. Os versos são re-passados de melancolia, mas a música ainda o é mais, porque é a expressão do desespero sem um raio de pacificadora abnegação a aliviá-lo. A primeira frase encerra todo um desesperado pensamento – o último esforço de uma alma cansada de tudo para se erguer ainda. Depois, quando o poeta manifesta todo o seu desejo de se sumir no fundo das florestas, a música acompanha-o com o grito um de dor, para depois cair em uma descrença mais forte. A seguir, surgem novos raios de esperança perante o quadro da natureza selvagem, traçada pelo poeta, e por último, a música solta um grito doloroso que despedaça o coração e que parece um grito de morte, de aniquilamento final e irremediável.

E aqui está como Nietzsche, ao iniciar a sua carreira adivinhou a sua vida e a sua morte.

De resto, sempre que Nietzsche fez música sobre versos líricos, nunca exprimiu nem outros pensamentos nem outros sentimentos. Entre o canto de amor de Petőfi, Nietzsche escolheu os mais tristes e os mais saturados de desespero.

Escreveu, por exemplo, música para um trecho dos “Ciprestes”, e aí voltou a lamentar-se da noite em que a sua alma, de asas quebradas, vivia. E, coisa curiosa, o ritmo dos versos que Nietzsche escolheu para tema de sua música é muito diverso dessa mesma música, cujos acompanhamentos e cuja harmonia revelam um temperamento musical dos mais importantes.

Nietzsche só conheceu Petőfi pelas traduções de Kerthney, que não são as melhores, mas que são de certo as mais conhecidas. Essas traduções são medíocres tanto no que respeita à forma como à interpretação. Não havia, porém, outras, e o certo é que Petőfi, mesmo em uma má tradução, guarda sempre toda a sua grandeza e todo o seu encanto. O exemplar que Nietzsche se utilizou para

compor a sua música fez por largo tempo parte da sua coleção. Desgraçadamente, porém, desapareceu, o que constitui uma perda irreparável dada às notas que Nietzsche de certo lhe lançou à margem.

A popularidade de Petöfi principiou a ser grande na Alemanha exatamente na época em que Nietzsche era estudante.

Por essa época, as poesias do húngaro apareciam já nas coleções e nos jornais. Ao mesmo tempo, corria a fama de Schopenhauer, e foram precisamente os discípulos admiradores deste último, rapazes novos, na sua quase totalidade, que melhor souberam apreciar a filosofia mordaz e desesperada que Petöfi expendeu nas “Nuvens”.

É que os discípulos de Schopenhauer julgavam adivinhar nos versos do húngaro os pensamentos do mestre, por não saberem que Petöfi jamais tinha lido uma palavra do filósofo alemão. E foi por isso que atribuíram à influência de Schopenhauer as poesias o “Louco”, o “Último homem”, e a “Luz”.

Nietzsche, pelo contrário, conhecera p antes de Schopenhauer, e foram as poesias filosóficas do poeta que o levaram a amar e a compreender as teorias filosóficas alemão.

A questão resumia-se, pois, em se saber qual a influência que a poesia de Petöfi exerceu na obra de Nietzsche.

A filosofia nietzschiana não está exarada em um grande sistema, mas resumida e comentada em numerosos aforismos.

Ora, entre esses aforismos, é fácil citar muitos que provêm diretamente de Petöfi e das “Nuvens”. É, entretanto, nos poemas de Nietzsche que se encontra o laço que o une ao mestre. E entre as poesias de Nietzsche, são as filosóficas, as mais características, sobretudo se as compararmos com algumas das “Nuvens”.

Não foi, porém, apenas por Petöfi que Nietzsche conheceu a Hungria. Por esse país, deu ele as maiores provas de afeto, a tal ponto que não seria para admirar que lhe tivesse estudo a própria língua. Aos catorze anos, Nietzsche escreveu o seu primeiro trecho musical, e aos dezoito anos compôs vários trechos sob o título geral de “*Ungarische Strizzen*”. Escreveu também um “marcha húngara”. Enfim, entre os seus versos há muitos, cujo tema é húngaro, o que

prova que a simpatia do filósofo pela Hungria era profunda, datando da sua infância –

Abstract: Article published in 1911, in the newspaper *O Paiz*. The author signs the paper as A.B. It all indicates that it was an european correspondent to the Brazilian newspaper. In the article, he tries to understand how the structure of the philosopher's thought based on that which he considers to be his master in philosophy: the Hungarian poet Petöfi.

Keywords: Nietzsche – Petöfi – Philosophy